

EXPERIÊNCIAS DE ACOMPANHAMENTO JUVENIL NO CONTEXTO DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto; Ana Paula Chisini Freitas; Sthefan Krinski

Esta apresentação procura expor o trabalho desenvolvido pelo grupo Estação Psi, constituindo-se como um programa de extensão do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que desenvolve ações no contexto de execução das medidas socioeducativas. O grupo faz parte do Núcleo de Extensão e Pesquisa do Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes em Conflito com a Lei (PIPA), compondo o trabalho de maneira interdisciplinar com o Programa de Prestação de Serviço à Comunidade (PPSC), da Faculdade de Educação, e com o G10 do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU), da Faculdade de Direito e do Coletivo Fila. Com a intenção de nos focar em uma das práticas desenvolvidas no programa, do qual o grupo Estação Psi procura debruçar-se sobre, trataremos do Acompanhamento Juvenil (AJ).

O Acompanhamento Juvenil é um desdobramento metodológico do Acompanhamento Terapêutico (AT) no contexto das medidas socioeducativas, tendo como base alguns de seus princípios norteadores, tal como a problematização e afirmação da cidadania, que se dá através da circulação nos espaços e serviços da cidade, conforme a demanda que o sujeito constrói e sinaliza através dos encontros. Tratam-se de práticas de acompanhamento juvenil articuladas aos modos de subjetivar, educar e trabalhar, desenvolvendo ações numa perspectiva intersetorial. Nesse sentido, a atuação é pensada com o objetivo de articular as políticas juvenis com a rede de atenção em saúde, educação, assistência social e direitos humanos.

Na prática de acompanhamento juvenil, toma-se como primordial pensar primeiramente neste adolescente que nos chega e seus entrelaçamentos, no sentido de visualizar as várias instituições que produzem as relações que dão forma à sua vida. Visualizamos a rede de linhas que o constituem como sujeito, possibilitando ou não sua expressão entre movimentos que tensionam possibilidades que produzem certo lugar a ser (des)ocupado. O AJ se faz neste contexto como um espaço de escuta deste jovem e de análise das relações institucionais e em rede que possibilitam o acolhimento de suas demandas. É priorizada a produção de sua autonomia através das questões construídas

na relação com o acompanhante, portanto uma metodologia sempre singular e em atualização no tempo vivido.